

Título: **1932-2008 Bronislaw Geremek – Um Europeu para a Europa**

Autor(es): **Jorge Almeida Fernandes**

Fonte: *Medievalista* [Em linha]. N.º5, (Dezembro 2008). Direc. José Mattoso. Lisboa: IEM.

Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>

ISSN: 1646-740X

Judeu do gueto de Varsóvia, historiador dos marginais da Idade Média, foi comunista e depois estrategista da transição democrática polaca. Foi sobretudo um "europeu". Dedicou a parte final da vida à luta contra os demónios dos nacionalismos e por uma Europa dos cidadãos

A biografia de Bronislaw Geremek, "Bronek" para os amigos, é uma ponte entre o século passado e o presente, o caminho que conduz do gueto de Varsóvia ao Parlamento Europeu ou que ilustra, disse alguém, a fundação da Europa dos 27 sobre as cinzas de Auschwitz. Polaco, judeu, historiador, comunista, dissidente, estrategista da transição de 1989, ministro, eurodeputado, terá sido sempre, e sobretudo, um "intelectual comprometido".

O seu percurso deve ser narrado a partir do fim. Geremek, 76 anos, morreu no domingo, numa estrada polaca, a caminho de Bruxelas. Depois de ter vivido uma vida em contramão, o Mercedes que conduzia saiu subitamente da sua faixa e foi colidir com uma carrinha. Geremek apagou-se imediatamente. Os passageiros da FIAT Ducato ficaram feridos. A polícia ignora se houve falha mecânica ou uma perda de consciência.

O historiador

Nasceu em Varsóvia em 1932, filho de um rabi, que veio a morrer em Auschwitz. Passou a infância no gueto de Varsóvia, de onde fugiu pela mão da mãe, em 1943. Teve um segundo pai, um agricultor católico, que o educou. Formou-se em História na Universidade de Varsóvia, fez o doutoramento e passou a ensinar na Academia das Ciências. Medievalista, cedo elegeu o seu tema de investigação: pobres, vagabundos, delinquentes, prostitutas, os mecanismos sociais da caridade, do controlo e da exclusão. Estudou em Paris, com bolsas francesas, integrando-se na escola dos Annales. Foi discípulo de Fernand Braudel e amigo de Georges Duby e Jacques Le Goff. Defendeu, em 1972, uma segunda tese: *Marginais parisienses nos séculos XIV e XV. Seguem-se Inúteis no mundo. Vagabundos e marginais na Europa nos séculos XIV e XV; A Piedade e a Força. História da Miséria e da Caridade na Europa* (tradução portuguesa, Terramar); ou *Os Filhos de Caim. Imagens dos pobres e dos vagabundos na literatura dos séculos XV ao XVII*. Investigará até ao fim da vida. Em 1993, ocupa uma cadeira no Collège de France. Nos anos 1990 é eleito para várias academias.

O político

Marxista, Geremek adere ao Partido Socialista Unificado da Polónia (POUP, comunista) na universidade, em 1950. Só em 1968 rompe com o partido, em plena revolta dos estudantes polacos, perante a vaga de anti-semitismo lançada pelo ministro do Interior, general Moczar, e a soviética invasão da Checoslováquia. No fim dos anos 70, colabora com o Comité de Defesa dos Operários (KOR), animado por Adam Michnik e Jacek Kuron. Não se limitam à luta contra a repressão que se seguiu às greves de 1970, promovem também uma "universidade itinerante", a primeira tentativa de aliar intelectuais e operários, que antecipará a aliança de 1980 em Gdansk.

Gdansk, exactamente. O medievalista é um dos portadores da declaração de 64 grandes intelectuais polacos de apoio aos grevistas do Estaleiro Lenine, onde se destaca o electricista Lech Walesa. Nasce o Solidariedade, o primeiro sindicato livre do bloco soviético. Michnik falou na era dos "três milagres". A visita de João Paulo II, em 1979, em que disse aos polacos: "Não tenhais medo!" e "E o povo deixou de ter medo." Foi o Prémio Nobel para o escritor Czeslaw Milosz. E, por fim, Walesa e o Solidariedade.

Em Dezembro de 1981, o general Jaruzelski decreta o estado de sítio e encerra o Solidariedade em nome do "mal menor", a ameaça de invasão soviética. Geremek será

preso, várias vezes. Expulso da Academia das Ciências por "anti-sovietismo", ensina num instituto de jesuítas. A Rádio Varsóvia trata-o de forma simpática: "judeu chauvinista", ligado à "franco-maçonaria internacional", especialista de "assuntos escabrosos como a prostituição" na Idade Média. Ironia: três décadas mais tarde, a católica e integrista Radio Mariya repete os mesmos insultos.

No fim dos anos 80, o regime comunista não tem saída. A evolução da perestroika de Gorbatchov e um poderoso movimento social levam os intelectuais do Solidariedade a imaginar uma "transição pacífica". A 6 de Fevereiro, inicia-se a negociação da "Mesa Redonda". A 5 de Abril, há o acordo sobre o pluralismo sindical e, a 5 de Maio, um acordo político que prevê eleições "semi-livres": a oposição poderá concorrer a 35 dos lugares da Dieta e a todo o Senado. O Solidariedade elege todos os 35 deputados e 99 dos 100 senadores. O primeiro governo democrático desde a guerra, chefiado por Tadeusz Mazowiecki, toma posse em Agosto.

A Polónia arrasta a Hungria. Quando esta abre as fronteiras, os alemães de Leste "viajam" em massa. O Muro de Berlim cai na madrugada de 12 de Novembro. Em Praga, a "Revolução de Veludo" coloca Vaclav Havel na Presidência da República.

Geremek, Michnik, Kuron e Mazowiecki foram os teóricos desta revolução da "sociedade civil" e da "resistência moral" contra um partido e um Estado que detinham o monopólio da força política e militar mas eram "uma vasta máquina vulnerável" porque tinham perdido toda a legitimidade. Foi um compromisso, uma transição sem sangue e sem vingança.

Realizava-se a profecia do medievalista no momento da assinatura dos acordos de Gdansk em Agosto de 1980: "A originalidade da situação polaca é que torna indispensável o impossível."

O europeu

É um dos fundadores do partido União das Liberdades, liderado por Mazowiecki. Deputado, será um dos autores da nova Constituição. Rapidamente entram em colisão com Walesa. A segunda etapa da vida política de Geremek começa em 1997, quando é nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros, no governo de Jerzy Buzek. A meta passa a ser a rápida integração na União Europeia. Quando o governo cai, em Dezembro de 2000, já as negociações estão avançadas. Não cessará de batalhar contra as muitas resistências ao alargamento, os egoísmos e temores dos grandes e pequenos Estados,

que menosprezam a "dimensão histórica" da reunificação da Europa.

Advertiu, em 1999, numa entrevista ao PÚBLICO: "Tenho a impressão de que a Europa não consegue perceber os efeitos nocivos da sua inação - que a Europa tem medo de si própria. (...) Hoje assistimos à reaparição na cena europeia da noção de interesse nacional como referência principal. Para usar termos menos delicados, ao ressurgimento do espírito nacionalista na política europeia, que tem como resultado o predomínio do egoísmo nacional sobre a solidariedade europeia."

A Polónia entra na UE em 2004, ano em que Geremek é eleito eurodeputado. Há um movimento para o eleger presidente do Parlamento Europeu - uma grande figura europeia no ano simbólico do alargamento ao Leste. Mas socialistas e conservadores tinham outra contabilidade e optaram pelo catalão Josep Borrell.

Continuou a luta contra os demónios da Polónia e da Europa. Em 2007, reassume a condição de dissidente na Polónia, denunciando a "lei da lustração" imposta pelos gémeos Kaczynski. "A lei da lustração (...) engendra uma espécie de 'ministério da verdade' e uma 'polícia da memória'. Desarma o cidadão perante as campanhas de calúnia (...) e suscita um sentimento de inquietação e de completa dependência perante o poder." Não assina a declaração sobre as relações com a antiga polícia comunista e os Kaczynski tentam retirar-lhe o mandato. Mas o Supremo Tribunal polaco deu-lhe razão. Quanto à Europa, obcecava-o a relação entre as nações e com os cidadãos. Após o "não" da Irlanda, reafirmou "a urgência de abandonar o princípio da unanimidade", que bloqueia a dimensão política da Europa, sublinhando ao mesmo tempo que "a Europa unida deve ser a dos cidadãos". Contra os referendos "plebiscitários", propunha "uma consulta popular europeia", após debate geral nos 27 países, com uma só questão: "Quer mudar o sistema de voto na UE?". "Não se deve temer o povo, antes o populismo que explora a ausência do povo na cena política."

Resumiu no prefácio de *Visions d'Europe* (2007): "Depois de termos feito a Europa, devemos agora fazer os europeus. Senão, corremos o risco de a perder."